



Trata del Rey moro que perdio a Ua.
lencia, glosado por Francisco de Lora. Dirigo a
vn hermano suyo, el qual comienza.
Delo pelo por do viene el
moro por la calçada.
(✠)

VIEJOS SON, PERO NO CANSAN
NOVOS ESTUDOS SOBRE O ROMANCEIRO

VIEJOS SON, PERO NO CANSAN

NOVOS ESTUDOS SOBRE O ROMANCEIRO

VIEJOS SON, PERO NO CANSAN
NOVOS ESTUDOS SOBRE O ROMANCEIRO

V COLÓQUIO INTERNACIONAL DO ROMANCEIRO
COIMBRA, 22-24 DE JUNHO DE 2017

COORDENAÇÃO DE

SANDRA BOTO
JESÚS ANTONIO CID
PERE FERRÉ

COM A COLABORAÇÃO DE

NICOLÁS ASENSIO JIMÉNEZ
MARIA HELENA SANTANA

COIMBRA | MADRID | FARO | LISBOA

2020

© Fundación Ramón Menéndez Pidal, Instituto Universitario Seminario Menéndez Pidal, Centro de Investigação em Artes e Comunicação, Centro de Literatura Portuguesa e Instituto de Estudos de Literatura e Tradição

© Da edição: Sandra Boto, Jesús Antonio Cid e Pere Ferré

© Dos textos: os respetivos autores

Créditos da capa: Gravura de um cavaleiro com a espada ao alto, reproduzida a partir de *Pliegos poéticos españoles de la Biblioteca Universitaria de Cracovia*, edición en facsímile precedida de un estudio por María Cruz García de Enterría, Madrid, Joyas Bibliográficas, nº 12.



Esta obra está protegida por uma licença Creative Commons (CC BY 4.0).

Para mais informações sobre esta licença consulte-se <<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>>.

Depósito Legal: 478475/20

ISBN da versão digital: 978-989-8968-06-7

ISBN da versão impressa: 978-989-8968-07-4

DOI: <https://doi.org/10.34619/j07b-er05>

REVISÃO CIENTÍFICA: Gloria Chicote; Jesús Antonio Cid; Manuel Pedro Ferreira; Nicolás Asensio Jiménez; Pere Ferré; Salvador Rebés Molina; Sandra Boto; Teresa Almeida; Teresa Araújo.

Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos UIDB/00759/2020 (Centro de Literatura Portuguesa), UIDB/04019/2020 (Centro de Investigação em Artes e Comunicação) e UIDB/00657/2020 (Instituto de Estudos de Literatura e Tradição).

Obteve financiamento internacional dos projetos “Catalogación, Digitalización y Edición del Romancero Tradicional de las Lenguas Hispánicas. Romances épicos e históricos de referente hispánico y francés” (Referencia FFI2014-54368-P, Ministerio de Economía y Competitividad) e “El Romancero: Nuevas perspectivas en su estudio y edición” (Referencia FFI2017-88021-P, Ministerio de Economía, Industria y Competitividad; Ministerio de Ciencia e Innovación), de Espanha. Beneficiou ainda de financiamento do Instituto Universitario “Seminario Menéndez Pidal” da Universidad Complutense de Madrid.

A sua execução enquadra-se nas atividades dos seguintes planos de investigação individuais: Bolsa de Pós-doutoramento concedida pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. com a referência SFRH/BPD/84108/2012, financiada por fundos do MCTES; contrato financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito da Norma Transitória do DL57/2016, alterado pela Lei 57/2017(CP1361/CT0024); contrato financiado através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Concurso de Estímulo ao Emprego Científico (CEECIND/00058/2018).

A presente publicação é coeditada pelo Centro de Literatura Portuguesa (Universidade de Coimbra), pela Fundación Ramón Menéndez Pidal, pelo Instituto Universitario “Seminario Ramón Menéndez Pidal” (Universidad Complutense de Madrid), pelo Centro de Investigação em Artes e Comunicação (Universidade do Algarve) e pelo Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (NOVA FCSH).



BRAULIO DO NASCIMENTO (1924-2016)

OFÉLIA PAIVA MONTEIRO (1935-2018)

IN MEMORIAM

ÍNDICE

Apresentação	11
SANDRA BOTO, JESÚS ANTONIO CID & PERE FERRÉ	

ABERTURA

Escilas y Caribdis en el romancero hispánico y, de nuevo, el <i>Infante Arnaldos</i>	17
JESÚS ANTONIO CID	

Apresentação da exposição ‘Uma coisa útil, um livro popular’. Almeida Garrett e o <i>Romanceiro</i> (Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 22-6-2017)	55
OFÉLIA PAIVA MONTEIRO	

A VARIAÇÃO NO ROMANCEIRO

Algumas notas a propósito de «Processos de variação» de Bráulio do Nascimento	61
PERE FERRÉ	

Um novo romance na tradição moderna portuguesa em versões de <i>Tamar</i>	77
ANA SIRGADO	

A variação no romance da tradição oral moderna portuguesa <i>Perseguição de Búcar pelo Cid</i> . Uma perspectiva de análise	89
LINA SANTOS MENDONÇA	

<i>Flérída y Don Duardos</i> : diálogos ibéricos na transmissão do romance	109
SANDRA BOTO	

ARTE POÉTICA DO ROMANCEIRO

Romancero infantil: catálogo y poética	129
MARÍA JESÚS RUIZ	

Aproximación al romancero tradicional desde la Retórica Cultural: los niveles de organización poética de Diego Catalán en el marco de la Teoría Literaria del siglo XX	145
RAQUEL LÓPEZ SÁNCHEZ	

Motivo y variación discursiva: *el protagonista pasea* 181
AURELIO GONZÁLEZ

Uma leitura do sentido do romance oral tradicional *Bernal Francês* 203
ANA MARIA PAIVA MORÃO

ARQUIVOS E COLEÇÕES DE ROMANCES

Fisionomía musical de diez canciones narrativas catalanas 227
RAMÓN VILAR I HERMS

Joan Amades, copias y versiones no publicadas 257
SALVADOR REBÉS

Los romances de la *Colección de Folklore* (Argentina, 1921):
un corpus a redescubrir 271
GLORIA CHICOTE

Algunas ampliaciones del Proyecto sobre el Romancero Pan-hispánico 279
SUZANNE HELEN PETERSEN

El Archivo Digital del Romancero: una herramienta para investigadores 301
SARA BELLIDO SÁNCHEZ & ÁLVARO PIQUERO

Romances sefardíes en la colección de Tomás García Figueras 313
PALOMA DÍAZ-MAS

Josep Romeu Figueras y el romancero en el *Fondo de Música Tradicional IMF-CSIC* ... 329
EMILIO ROS-FÁBREGAS

A VIDA TRADICIONAL DO ROMANCEIRO

O Romanceiro em África e na Ásia 347
JOSÉ LUIS FORNEIRO

La forma de vida del romance en México y su vigencia 355
MERCEDES ZAVALA GÓMEZ DEL CAMPO

El romance *La hermana avarienta* en la tradición oral de Cantabria:
del intercambio simétrico a la insolidaridad social estructural 377
BEATRIZ VALIENTE BARROSO

A vueltas con el *estilo oral*: los primeros romances noticieros 399
ANA VALENCIANO

El romance de *El enamorado y la muerte* y otros textos afines en la literatura
y el folclore catalanes 411
HELENA ROVIRA CERDÀ

Erotismo y creación poética en *La bastarda y el segador* 439
ÁLVARO PIQUERO

De amores y sucesiones en el romancero 457
BEATRIZ MARISCAL HAY

Cómo muere un romance 465
IGNACIO CEBALLOS VIRO

MENTALIDADES E IDEOLOGÍAS NO ROMANCEIRO

Entre castellanos y portugueses. De nuevo sobre el *Romance de la muerte de la
Duquesa de Braganza* 487
CLARA MARÍAS

El abigeato en el romancero: literatura y ecología 513
MICHAEL MCGLYNN

El romancero a don Rodrigo Calderón: ¿una barroquización del romance? 531
KARIDJATOU DIALLO

De la sublevación de las Alpujarras al romancero morisco 551
JOSÉ LUIS EUGERCIOS ARRIERO

O ROMANCEIRO E OUTROS GÉNEROS

Todos los géneros literarios tienen su edad y su tiempo:
los nuevos géneros épico-líricos que suceden al romancero 573
MAXIMIANO TRAPERO

«Conde Jano»: dos vazios do romance ao conto de Mário de Carvalho 593
ANA MARIA MACHADO

Notas acerca de la pervivencia del romancero sobre Fernán González
en la escena áurea 607
ALBERTO ESCALANTE VARONA

O ROMANCEIRO NO SIGLO DE ORO E SEUS DESENVOLVIMENTOS TARDIOS

Romance y otras series monorrimas en la literatura catalana de los siglos XIV-XVI	627
JOAN MAHIQUES CLIMENT	

<i>Floresta de varios romances</i> : breve nota a novos achados	653
TERESA ARAÚJO	

El romance pseudo-ariostesco <i>En su balcón una dama</i> en el Cancionero Ottoboniano 2882	661
AVIVA GARRIBBA	

Pérez de Hita ante la toma de Granada: editor, autor, manipulador	675
ANA PILAR GARCÍA ESTEBAN	

<i>Caballero, si a Francia ides</i> : versiones musicales y construcción del romancero	697
VICENÇ BELTRAN	

La materia clásica en el romancero	713
NICOLÁS ASENSIO JIMÉNEZ	

‘Me cautivaron aquellas gentes malignas’: el tema del cautiverio en el romancero de ciego	727
MADÉLINE SUTHERLAND	

EDIÇÃO CRÍTICA DO CANCIONERO DE ROMANCES

El corrector del <i>Cancionero de romances</i> de 1555	743
JOSEP LLUIS MARTOS	

La <i>ratio typographica</i> del romancero impreso y el <i>Cancionero de romances</i>	761
ALEJANDRO HIGASHI	

Las tradiciones textuales del <i>Cancionero de romances</i>	781
MARIO GARVIN	

Fuentes manuscritas para una edición crítica del <i>Cancionero</i> <i>de romances sin año</i>	797
VIRGINIE DUMANOIR	

APRESENTAÇÃO

No *Romancero general* de 1600 (com réplica na sua edição de 1602 e anunciado antes nalgumas das *Flores* que, na última década do século XVI, serviram de fonte a esta magna obra), surge um romance novo jocoso que traz para a ribalta da sátira o *excesso* de atenção que a temática mourisca havia granjeado junto dos poetas espanhóis coevos. A polémica é conhecida. O romance, atribuído a Lope de Vega e cujo incipit se inscreve no *Romancero general* como “Tanta Zaida y Adalifa” (“No tanta Zaida y Adalife”, na *Flor tercera* de Madrid, 1593), celebra o contraste, como bom poema barroco que é, entre o exagero característico do exótico mourisco e o apelo ao regresso à tradição poética dos velhos temas e heróis castelhanos medievais. Efetivamente, segundo o romance, estes últimos “Viejos son, pero no cansan”. Assim os imortaliza um verso extraído da *moraleja* final do poema.

No limite, este verso pode assumir-se como sinédoque do próprio romanceiro, género vetusto mais do que cantado, glosado, estudado, *adulterado*, utilizado com os mais diversos propósitos estéticos e ideológicos que, não obstante, em pleno século XXI, continua a fazer correr tinta e a unir comunidades em torno de um património que nos é comum. Foi, pois, neste sentido que os editores o convocaram para o título do presente monográfico de estudos. Novos estudos sobre o velho e —como sugere o poema citado— intemporal romanceiro.

Com efeito, tal intemporalidade encontra-se não só plasmada na sobrevivência secular do género, mas de igual modo na vitalidade e pluralidade de abordagens críticas que se têm vindo a suceder sobre a poesia narrativa ibérica. Em particular, permita-se-nos destacar aqui a renovação de perspetivas que o V Congresso Internacional do Romanceiro —gentilmente acolhido pela Universidade de Coimbra entre 22 e 24 de junho de 2017, numa coorganização da Fundación Ramón Menéndez Pidal e do Centro de Literatura Portuguesa (CLP) daquela universidade portuguesa— proporcionou. Tratou-se de um encontro científico cujo balanço se reflete neste livro parcialmente, já que este último acolhe alguns estudos que extrapolam os trabalhos apresentados naquela ocasião. Recorrendo a uma metáfora poética, diríamos que o presente volume surge, pois, à guisa de desenvolvimento de um mote que nos foi oportunamente dado pelo congresso. Cumpre-nos, ainda assim, evidenciar que a própria celebração deste encontro, em 2017 e em Portugal, frisamos, se reveste de enorme transcendência, se nos lembrarmos dos excessivos trinta anos que separam a organização do último encontro internacional sobre o romanceiro, o IV Coloquio Internacional del Romancero, realizado no Puerto de Santa María de Cádiz, deste V Congresso, de Coimbra, que contou com a presença, na Comissão de Honra, dos Presidentes do Instituto Cervantes e do Instituto Camões, bem como dos Magníficos Reitores da Universidade de Coimbra e da Universidad Complutense de Madrid, personalidades que prontamente se associaram à iniciativa, reconhecendo o seu interesse científico e cultural.

De variada índole foram as circunstâncias que impediram que este encontro se tivesse realizado antes, como fora o desejo das instituições envolvidas e, de um modo muito particular, da Fundación Ramón Menéndez Pidal. Não é este o lugar apropriado para as esgrimir. Não obstante, é com facilidade que se adivinha a imensa carga emotiva que envolveu o congresso, durante o qual choradas ausências coabitaram com novas e não tão

novas gerações de investigadores, sempre movidas por impulso e entusiasmo idênticos aos dos mestres. Pelo significado de reatar uma tradição académica de tal forma relevante para a comunidade científica internacional que se dedica ao estudo, recolha ou edição da balada ibérica, este V Congresso foi, sem modéstias, um sucesso. Por outro lado, importa louvar a bem-sucedida organização internacional que permitiu, pela primeira vez, que Portugal assegurasse a qualidade de anfitrião desta reunião.

A conservação, na Universidade de Coimbra, do espólio literário do polígrafo romântico Almeida Garrett (1799-1854) exerceu um peso determinante na decisão de transformar, durante três dias, a cidade de Coimbra no centro dos estudos sobre o romanceiro pan-hispânico, convocando a debater e sentando à mesa tradicionalistas, individualistas, oralistas, musicólogos, crentes e descrentes no uso das novas tecnologias.

A sessão de abertura do evento, que decorreu na Sala de S. Pedro da Biblioteca Geral da universidade portuguesa, homenageou ainda aquele que foi o pioneiro e visionário editor de romances da tradição oral moderna, Almeida Garrett. O momento acolheu um excursus dedicado à relação entre Garrett e o romanceiro, da responsabilidade da saudosa Doutora Ofélia Paiva Monteiro (texto integrante do presente volume), a inaugurar a exposição bibliográfica *“Uma coisa útil, um livro popular”*. Almeida Garrett e o Romanceiro, com curadoria de Sandra Boto e apoio de Maria Helena Santana e Isabel Ramires. Com efeito, o pecúlio de centenas de autógrafos garrettianos dedicados ao romanceiro que a Biblioteca Geral havia incorporado recentemente no seu acervo, oriundos da Coleção Futscher Pereira, e que aguardava por uma oportunidade para se mostrar ao público, justificava uma celebração tão simbólica como a proporcionada pelo evento.

Em síntese, a solenidade atribuída ao momento adveio da coincidência de a Universidade de Coimbra se encontrar vinculada, de forma tão indelével, aos primórdios da recolha e edição de romances tradicionais na Península Ibérica (datam de 1823-24 as primeiras recolhas e os primeiros registos de versões de romances por iniciativa de Garrett). Mas não só. É também nesta instituição que atualmente se conserva o espólio de Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925), a insigne romanista e íntima colaboradora de Ramón Menéndez Pidal e María Goyri nos mais variados assuntos da filologia românica, entre os quais ocupa lugar de destaque, como é do conhecimento geral, o romanceiro.

Por outro lado, em 2016 calava-se a voz do reconhecido estudioso brasileiro Bráulio do Nascimento, nome maior dos estudos sobre o folclore no Brasil e detentor de um papel fundamental na aproximação da crítica sobre o romanceiro ao universo estruturalista. Por este motivo, foi-lhe dedicada uma sessão de homenagem durante o evento. Posteriormente, já durante a etapa de preparação editorial do volume, foi Ofélia Paiva Monteiro, investigadora do Centro de Literatura Portuguesa e especialista maior da obra garrettiana em Portugal e no mundo, a abandonar-nos. Por isso, é com um pesar proporcional à admiração que partilhamos pelos dois intelectuais que dedicamos estes estudos à memória de Bráulio do Nascimento e de Ofélia Paiva Monteiro.

Quando há alguns parágrafos atrás afirmávamos que o presente monográfico partia dos trabalhos do congresso mas a eles não se cingia, referíamos-nos, em parte, ao facto de a sua estrutura não replicar necessariamente os eixos temáticos nem sequer a sequência do evento de 2017, embora tivéssemos mantido a ABERTURA (contendo os contributos originais de Jesús Antonio Cid e de Ofélia Paiva Monteiro). Mas reportávamo-nos, igualmente, à necessidade que sentimos de reorganizar e reagrupar os estudos coligidos em torno de

critérios que advêm da nossa própria aferição dos seus pontos-chave, embora reconhecendo que alguns dos trabalhos poderiam sem dúvida integrar-se também noutras das temáticas apresentadas na obra. Estamos cientes de que, tal como em qualquer coletânea de estudos, as decisões editoriais atuam como etiquetas de leitura. Temos, pois, esperança de não influenciarmos equivocadamente os futuros leitores em função das nossas decisões organizativas que resultam da abordagem que levámos a cabo dos estudos coligidos.

Optámos, pois, para além de mimetizar, no conteúdo da obra, o momento de abertura do congresso —e por aqui se fica a relação estrutural entre livro e evento— por criar grandes temáticas sob as quais agrupamos os estudos que constituem o livro. São elas: A VARIAÇÃO NO ROMANCEIRO; ARTE POÉTICA DO ROMANCEIRO; ARQUIVOS E COLEÇÕES DE ROMANCES; A VIDA TRADICIONAL DO ROMANCEIRO; MENTALIDADES E IDEOLOGIAS NO ROMANCEIRO; O ROMANCEIRO E OUTROS GÊNEROS; O ROMANCEIRO NO SIGLO DE ORO E SEUS DESENVOLVIMENTOS TARDIOS; EDIÇÃO CRÍTICA DO *CANCIONERO DE ROMANCES*.

Com alguma razão apontar-nos-ão o dedo a uma eventual sobreposição entre temáticas. Só aqueles que não conhecem os vai-e-vem da longa vida do romanceiro (perspetiva historiográfica e crítica incluídas) não o detetará ou será incapaz de reconhecer a dificuldade inerente à tarefa. Só quem nunca se perdeu nas incongruências e nos significados ideológicos da atribuição de classificações nas diversas modalidades críticas que acompanham o género; quem nunca recolheu um romance numa aldeia remota, quem nunca se perdeu no labirinto de decisões que significa fixar um romance tradicional. Só quem nunca estruturou mental ou tecnologicamente um arquivo é que não estará capacitado com as ferramentas necessárias para criticar o que é natural e desejavelmente alvo de debate: o trabalho destes editores. Mas, ao fim e ao cabo, é por isso que o romanceiro perdura *sine die*, pese embora a eterna decadência que se vem anunciando desde o século XVI (recordemos a propósito a feliz expressão de Paul Bénichou ao advertir que “La agonía del romancero oral es eterna.”). A comprová-lo está, mais uma vez, o assinalável conjunto de autores que entusiástica, generosa e pacientemente colaboraram nesta coletânea com o resultado das suas investigações, as quais vão desde os mais recentes projetos que dão agora os primeiros passos àqueles que marcam os trabalhos sobre o romanceiro de há décadas a esta parte mas que nunca deixam de ter uma palavra nova a dizer. Este monográfico orgulha-se, pelo exposto, de unir o pretérito ao futuro. Convidamos o leitor a descobrir, pelos seus próprios meios, esta conjugação de saberes e de estados da arte *in fieri*.

Não duvidamos, portanto, que, enquanto os deuses assim o permitirem, embora eternamente velhos e em estertor, os romances não cansam nem cansarão nunca, assim saibamos procurar nesse inesgotável livro a novidade que, entre versos, não deixará de esperar por cada um de nós para ser debatida. Que este monográfico cumpra esse papel é, pois, o nosso sincero e humilde desejo.

Lisboa | Madrid, 10 de setembro de 2020.

Os Editores

SANDRA BOTO
JESÚS ANTONIO CID
PERE FERRÉ